

Alcandro Gomes de Barros

---

# A cura da quebradeira



Typ. da "POPULAR EDITORA"

## A Cura da quebradeira

---

Um quego, mestre dos quengos  
Adoeceu da algibeira  
Enserrou-se n'um convento  
Estudou de tal maneira  
Que descobriu um remedio  
Para curar quebradeira.

Eu provo com muita gente  
O Remedio não é máo,  
Já conheci um doente  
Mas molle do que mingáo,  
Só não digo o nome d'elle  
Porque não quero ir ao páo!...

Ja parecia um cadaver,  
Só tinha o couro e o ôsso  
Tinha thisica na algibeira  
Uma emflamação no bolço  
Com trez doses do remedio  
Está gordo robusto e moço...

Tinha uma chaga na calça  
Na casaca outra ferida  
Tinha um cancro no culete  
A camisa enfraquecida  
O commercio deu-lhe um talho  
Que quase tira-lhe a vida.

Deu-lhe bóba nas butinas  
Irisipella na capa  
Deu-lhe sarampo nas meias  
O licho botou-o no mappa  
Já a filha tinha dito  
Mamãe ! Papae não escapa.

Comprou um livrinho d'estes  
Foi para casa estudal-o  
Tomou a dóse de tarde  
De noite comprou um cavallo !...  
Viu a força do remedio  
Cuidou logo em decoral-o !

Chico Rato, coitadinho  
Dizia ; me acabo ja ...  
Comprou um livrinho destes  
E fez o remedio lá  
Hoje vi elle cantando  
*A cabocla do Caxangá*

A quebradeira do Chico  
Estava enflamada e ruim  
No sujo da roupa delle  
Estava nascendo capim  
E no fundilho da calça  
Tinha casa de cupim.

Porém uzou o remedio  
O cupim se retirou  
O capim da roupa delle  
No mesmo instante seccou !  
E' hoje um milionario  
Com trez doses que tomou !...

Quem soffre, compre a receita  
E preste toda a attenção  
Porque ella encina o geito  
De fazer a cavação  
Despache em botica grande  
Veja se ella serve ou não !...

Essas figuras da capa  
Estão ahi para esplicar  
Este da frente está lendo  
O de traz quer se arranjar  
E' doente que procura  
Remedio para o curar.

E se houver um linguarudo  
Que queira me reprovar  
Eu digo : vá na cadeia,  
Que há de se enganar,  
Tem muitos doentes presos  
Para me justificar.

Esses que estão na cadeia  
Não applicaram o cuidado  
Só estudaram o remedio  
Mas não compriram o resguardo!  
Tomando elle no publico  
Torna-se ruim que é damnado!

Deve o tomar no escuro  
Onde não dê uma réstia  
E usar constantemente  
Muito cinismo e modestia  
Eu não conhesso o remedio  
Mas já soffri a molestia.

Entre toda as molestias  
A peor é quebradeira  
E' superior á febre  
Coça mais do que frieira  
Não ha thisica tão damnada  
Como thisica de algibeira.

Ella quando entra em casa  
Esfria logo o fugão.  
Derrama-se gaz no sal  
E cai agua no calvão,  
Cai areia na farinha  
E fura-se o caldeirão,

Quebram-se os beiços da jarra,  
Larga o fundo da panella,  
Some-se o côco do pote,  
Abre-se em banda a tijella,  
Ahi a dona da casa  
Toca a ficar amarella,

Da logo o cupim na roupa,  
Rompe-se os bolços da calça,  
Quebra-se a chave da porta  
E o homem assenta praça;  
Porque sempre a quebradeira  
Vem junto com a desgraça...

Na casa que ella chegar  
Some-se logo o diaheiro,  
Da molestia na familia  
E murrinha no puleiro,  
Alli, ja vê não escapa  
Nem um pinto no terreiro.

Então ella não vem só  
Nem faz pequena demora  
E chega junto com ella  
O azar e a caipóra,  
Ella de dentro de caza  
Faz sortimento aos de fóra.

Frei Quenguista vendo o mal  
Que estava nos perseguindo  
Consultou a outro frade  
Que estava este mal sentindo  
O frade deu parte ao bispo  
Disse o bispo: *Venha vindo..*

O frade estudou a cura,  
O bispo achou-a correta,  
Consultaram ao cardeal  
Diz elle: a obra é completa  
Um arcebispo estudou  
Como há de ser a diéta.

Disse Frei Espertalhão  
O remedio é exelente  
A pharmacia sendo grande  
Cura-se radicalmente  
Mas não guardando a diéta,  
Está desgraçado o doente!..

Porém fazendo o remedio  
Sendo bem acautellado  
Logo nas primeiras dóses  
Verá o seu resultado  
Disse Frei Espertalhão  
Que foi com isto curado.

Isto é, esse remedio  
Será tomado escondido,  
Porque entre os mais remedios  
Este é o mais prohibido,  
O doente que o tomar  
Se alguém vil-o é perseguido.

E' um remedio exelente  
Cura até para o futuro  
Mas para se tomar elle  
Só n'um lugar muito escuro  
Calçar sapato de banho,  
Que possa pular um muro.

O doente que o tomar  
A dote mais a cautella  
Veja que n'aquella rua  
Não se abra uma janella  
Tendo alguma lampada acceza  
Não passa por junto d'ella.

Tambem não deve tomá-lo  
Com dois ou trez camaradas  
As noites proprias p'ra isso  
São noites ennuvuadas  
Principalmente essas noites  
De relampago e trovoadas

E quando entrar na pharmacia  
Repare se ella tem forro,  
Pode um apito de là  
Vir depois pedir socorro,  
Veja que não tenha em casa  
Ganço, guiné ou cachorro.

Quando o doente uzar elle  
Deve aplicar o cuidado  
Veja não tenha por perto  
Algun subdelegado,  
Muito cuidado com elle  
Esse bixo é carregado.

Essas ruas muito largas  
Que tem iluminação,  
Um agente de policia  
Inspector de quarteirão;  
Tira a força do remedio  
Faz elle perder a acção.

Encontra-se esse remedio  
Em cofres municipaes  
Pelas fabricas de tecidos  
Ou bancos especiaes  
Repartições d'alta escalia  
Thesouros estadoaes.

O remedio é extraido  
De ouro papel e cobre  
Tambem há de prata e nikel  
Para algum doente pobre  
Alivia o desgraçado,  
Augmenta as pompas do nobre.

João Gatuno coitadinho,  
Soffria um mal incuravel,  
Fazia pena se olhar  
A roupa do miseravel;  
Com trez doses que tomou  
Tem fortuna incalculavel.



## O Pezo de uma Mulher

---

Não á fardo mais peza lo  
Do que seja uma mulher  
E nem ha homem que tire  
As manhas que ella tiver.  
O que pençar ao contrario  
Pode dizer que está vario  
Ou desesperou da fé,  
Cahiu na rede enganado  
Um mez depois de casado  
E' que elle sabe o que é.

O rapaz vê uma moça  
Fica por ella encantado  
Sedutoura e feiticeira  
Que parece um sonho dourado  
Os labios parecem mel,  
Mas tem a taça de fel  
No fundo do coração,  
O homem passa e não vê  
Depois vem se arrepender  
Porém já está na prisão

Pede-a em casamento e caza-se  
Pença que leva uma joia  
Mas leva é um carcereiro  
Que prende-o e não lhe dar boia.  
Então se a mãe della for  
Elle leva um portador  
Da casa de satanaz  
Quando estiver na caldeira  
Exclama ; fiz uma asneira  
Que n'em quem é doudo faz.

As 6 horas da manhã  
O homem vai ao mercado  
Faz as despesas do dia  
Julga que está descansado  
Compra farinha e feijão  
Carne, assucar, café e pão,  
Verdura fruta e toucinho  
Ella diz não se lembrou  
Porque foi que não comprou  
Alho, pimenta e cuminho ?

Não tem carvão, falta agua  
A manteiga se acabou  
Cahiu gaz dentro do sal  
O assucar se derramou,  
Eu não sei isso o que é

Inda não coei café  
Porque não achei o panno,  
A casa uão se varreu  
A vassoura se perdeu  
Não achei mais o abano.

A vizinha me tomou  
O caldeirão empréstado  
Foi derreter chumbo n'elle  
Quando troxe-o foi furado  
Tomou-me a colher de páo  
Para mexer um mingáo,  
E por lá quebrou-lhe o cabo  
Emprestei meu fugareiro  
Outra levou meu papeiro  
Tudo levou o diabo.

Mas ella diz ; não se zangue,  
Isso são cousas do mundo  
Você já soube que a jarra  
Largou os beiços e o fundo ?  
A chaleira nova vasa  
O bulle já está sem aza  
A tualha foi no lixo,  
Minha machina de cozer  
Mandei mamãe a vender  
Perdi-a toda no lixo.

Pergunte ao rapaz solteiro  
A crize o que quer diser.  
Elle responde é palavra  
Que eu nem a posso entender  
Pergunte agora a um casado  
Que já está callejado  
Que os trabalhos o consomem  
Que e'le suspirando diz  
E' a sentença infeliz,  
Que Deus destinou ao homem.

Por causa d'ella vendi  
A caza aonde morava  
Vendi o ultimo traste  
Que em minha caza restava  
Minha sogra ainda diz,  
Que eu sou um homem infeliz  
Amante da perdição  
E que vendi a mobilia  
Não foi devido á familia  
Foi pela vadiação.

Não diz que eu veudi a casa  
Por devida que a filha fez  
Pagar ama para ella  
A viate mil reis o mez,  
Não diz que a filha luxava



Ia a baile passeava  
Adoecia de manha  
Me botando na desgraça  
Antes eu sentasse praça  
E morresse na campanha.

Porque quando nada o fogo  
Podia me consumir  
Eu estava livre de ver  
Minha sogra inda sorrir,  
A mulher aborrecida  
N'uma cadeira cahida  
Fingindo estar quasi morta  
E eu nestas agonias  
Inda vêr todos os dias  
Os cobradôres na porta.

O pescador cobra o peixe  
O mascate cobra a renda  
Quando vejo um alfaiate  
Procurando uma encomenda  
Vem um turco do outro lado  
O sapateiro vêxado  
Pelo sapato que fez,  
Quem está ardendo-se em braza  
Chega o aluguel da caza  
Que já se findou o mez.

Santo Deus ! que peso horrendo  
Nas costas de um desgraçado  
Uma mulher e a mãe  
Oh ! que madeiro pezado !  
Que calix tão amargoso  
Eu julgava saboroso  
Porém sahiu-me ao contrario  
Pença alguém que a vida presta  
Mas p'ra Christo só resta  
O homem ir ao Calvario.

O individuo solteiro  
Não sabe a vida o que custa  
Não tem pensão nem cuidado  
A crise não o assusta  
Logo quando quer cazar-se  
E' nessessario apromptar-se  
De tudo quanto precisa  
Ahi elle vai sabendo  
O que muitos estão soffrendo  
Porque mulher não alisa.

Alguem ha de perguntar  
Deus não casou á Adão?  
Eu digo ; Adão era louco  
Não calculava a razão  
Inda foi muito feliz

Perque nasceu n'um paiz  
De terra desabitada  
Sogra e cunhado não tinha  
Assim mesmo D. Evirha  
Inda o botou na enchada.

Ora Eva era innocente  
Não tinha manha nem dengo  
Mas pela historia d'ella  
Se ver que ella tinha quengo  
porque foi dar ao marido  
Esse fructo prohibido  
Do autor da creação  
Quando o barulho estourou  
Ella então descarregou  
O páo nas costas de Adão.

✻ FIM ✻

663

# A V I S O

Leandro Gomes de Barros, avisa que está morando em Areias, Recife, e que remetterá pelo correio todos os folhetos de suas produções que lhe sejam pedidos.